

MEU PAÍS AMADO, PÁTRIA AMADA BRASIL.



A máquina do mundo

E como eu palmilhasse vagamente uma estrada de Minas, pedregosa, e no fecho da tarde um sino rouco se misturasse ao som de meus sapatos que era pausado e seco; e aves pairassem no céu de chumbo, e suas formas pretas lentamente se fossem diluindo na escuridão maior, vinda dos montes e de meu próprio ser desenganado, a máquina do mundo se entreabriu para quem de a romper já se esquivava e só de o ter pensado se carpia. Abriu-se majestosa e circunspecta, sem emitir um som que fosse impuro nem um clarão maior que o tolerável pelas pupilas gastas na inspeção contínua e dolorosa do deserto, e pela mente exausta de mentar toda uma realidade que transcende a própria imagem sua debuxada no rosto do mistério, nos abismos.

Vou-me Embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada Lá sou amigo do rei Lá
tenho a mulher que eu quero Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada Vou-me embora pra
Pasárgada Aqui eu não sou feliz Lá a existência é uma
aventura De tal modo inconstante Que Joana a
Louca de Espanha Rainha e falsa demente Vem a ser
contraparente Da nora que nunca tive E como farei
ginástica Andarei de bicicleta Montarei em burro
brabo Subirei no pau-de-sebo Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado Deito na beira do rio Mando
chamar a mãe-d'água Pra me contar as histórias Que
no tempo de eu menino Rosa vinha me contar Vou-me
embora pra Pasárgada Em Pasárgada tem tudo É
outra civilização Tem um processo seguro De impedir
a concepção Tem telefone automático Tem alcaide à
vontade Tem prostitutas bonitas Para a gente
namorar

Poema Sujo

turvo turvo a turva mão do sopro contra o muro
escuro menos menos menos que escuro menos que
mole e duro menos que fosso e muro: menos que furo
escuro mais que escuro: claro como água? como
pluma? claro mais que claro claro: coisa alguma e
tudo (ou quase) um bicho que o universo fabrica e vem
sonhando desde as entranhas azul era o gato azul era
o galo azul o cavalo azul teu cu tua gengiva igual a tua
bocetinha que parecia sorrir entre as folhas de
banana entre os cheiros de flor e bosta de porco
aberta como uma boca do corpo (não como a tua boca
de palavras) como uma entrada para eu não sabia tu
não sabias fazer girar a vida com seu montão de
estrelas e oceano entrando-nos em ti bela bela mais
que bela mas como era o nome dela? Não era Helena
nem Vera nem Nara nem Gabriela nem Tereza nem
Maria Seu nome seu nome era... Perdeu-se na carne
fria perdeu na confusão de tanta noite e tanto dia
(Trecho

Soneto da Fidelidade

De tudo, ao meu amor serei atento Antes, e com tal
zelo, e sempre, e tanto Que mesmo em face do maior
encanto Dele se encante mais meu pensamento.
Quero vivê-lo em cada vão momento E em louvor hei
de espalhar meu canto E rir meu riso e derramar meu
pranto Ao seu pesar ou seu contentamento. E assim,
quando mais tarde me procure Quem sabe a morte,
angústia de quem vive Quem sabe a solidão, fim de
quem ama Eu possa me dizer do amor (que tive): Que
não seja imortal, posto que é chama Mas que seja
infinito enquanto dure.

Via Láctea

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo Perdeste o senso!”
E eu vos direi, no entanto, Que, para ouvi-las, muita
vez desperto E abro as janelas, pálido de espanto... E
conversamos toda a noite, enquanto A Via Láctea,
como um pálio aberto, Cintila. E, ao vir do sol,
saudoso e em pranto, Inda as procuro pelo céu
deserto. Dizeis agora: “Tresloucado amigo! Que
conversas com elas? Que sentido Tem o que dizem,
quando estão contigo?” E eu vos direi: “Amai para
entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz
de ouvir e de entender estrelas.”

O Cão Sem Plumas

A cidade é passada pelo rio como uma rua é passada por um cachorro; uma fruta por uma espada. O rio ora lembrava a língua mansa de um cão ora o ventre triste de um cão, ora o outro rio de aquoso pano sujo dos olhos de um cão. Aquele rio era como um cão sem plumas. Nada sabia da chuva azul, da fonte cor-de-rosa, da água do copo de água, da água de cântaro, dos peixes de água, da brisa na água. Sabia dos caranguejos de lodo e ferrugem. Sabia da lama como de uma mucosa. Devia saber dos povos. Sabia seguramente da mulher febril que habita as ostras. Aquele rio jamais se abre aos peixes, ao brilho, à inquietação de faca que há nos peixes. Jamais se abre em peixes.

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores. Em cismar, sozinho, à noite, Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Minha terra tem primores, Que tais não encontro eu cá; Em cismar — sozinho, à noite — Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Não permita Deus que eu morra, Sem que eu volte para lá; Sem que desfrute os primores Que não encontro por cá; Sem qu'inda aviste as palmeiras, Onde canta o Sabiá.

As Cismas do Destino

Recife. Ponte Buarque de Macedo. Eu, indo em direção à casa do Agra, Assombrado com a minha sombra magra, Pensava no Destino, e tinha medo! Na austera abóbada alta o fósforo alvo Das estrelas luzia... O calçamento Sáxeo, de asfalto rijo, atro e vidrento, Copiava a polidez de um crânio calvo. Lembro-me bem. A ponte era comprida, E a minha sombra enorme enchia a ponte, Como uma pele de rinoceronte Estendida por toda a minha vida! A noite fecundava o ovo dos vícios Animais. Do carvão da treva imensa Caía um ar danado de doença Sobre a cara geral dos edifícios!

